

A ILLUSTRAÇÃO

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO 153, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assinamento e encomendas
para o Portugal ao M. DAVID CORAZZI, 42, RUA
DA ALMADA, 153, PARIS. Haverá encomenda direta de
MELLO, 38, RUA DA QUITANDA RIO DE JANEIRO.
Preço da encomenda é Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 12

PARIS 20 DE JUNHO DE 1889

Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS :

ANNO (CORTES)	12,000 KRIS.
EMERITAS (CORTES)	6,000 —
ANNO (PROVINCIA)	14,000 —
AVULSO	500 —

ABRIR ESTE NUMERO COM TODO O CUIDADO



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — SOLDADOS INDÍGENAS DIANTE DO PALÁCIO DAS COLÔNIAS FRANCÉSAS.



CHRONICA

ARTE PORTUGUEZA

O JURY d'escultura do *Salon* de Paris acaba de conferir uma menção honrosa ao moço escultor português, sr. Teixeira Lopes, pela sua estatua *Jeunesse de Cuit*, exposta no Palacio da Industria.

O sr. Teixeira Lopes, que foi discípulo do grande e malogrado artista Soares dos Reis, é o autor da bella estatua *Ophelia*, exposta no *Salon* do anno iindo, e que os leitores da *ILLUSTRAÇÃO* conhecem por um desenho da estatua feito pelo proprio artista.

Consideramo-o pois como um collaborador da *ILLUSTRAÇÃO*. E portanto com duplo prazer e com dobrado entusiasmo que eu d'aqui o felicio, — cheio d'orgulho por ver que em Portugal ainda vão aparecendo artistas... apesar do modo ignominioso como os governos abandonaram por milhos d'ignorantes, de reacionários e de burocratas, os destinos da nossa educação artística, a direcção das nossas escolas de bellas-arts!

Eu não sei de que barro especial são feitos os artistas portugueses! O que sei é que elles não são feitos do mesmo barro, donde suem amanuenses, alferes, deputados e outros inuteis do meu paiz, — porque apesar de serem submetidos aos cursos mais idiotos, aos concursos mais injustos e mais immorais; apesar de verem todos os dias o nenhum caso que o Estado faz dos nossos artistas; apesar de verem o fim dos artistas de genio portugueses, como Soares dos Reis... ainda tem a coragem de quererem ser artistas, e ainda tem dentro em si bastante fogo sagrado para chegarem a Paris e obterem sucessos no *Salon*, como o que acaba de obter o sr. Teixeira Lopes!...

Ora quando é que em nome da dignidade da Arte portuguesa, e em signal de respeito pela coragem de que os nossos artistas dão todos os dias tamanhas provas, — um d'eses senhores deputados da nação se ha de levantar da sua cadeira e propor no parlamento para que seja votada uma verba anual d'alguns contos de reis, auctorizando o ministerio do reino a comprar as obras dos artistas portugueses, e formando assim, no nosso museu, um museu d'arte puramente nacional!... Quando!...

Ora eu lhes digo já... Quando entrar as portas de São Bento um deputado que perceba porque razão é mais bella uma paisagem de Silva Porto, do que uma paisagem de cortiça, feita por um curioso; que perceba para que serve um museu de pintura; e que saiba explicar a razão porque é mais bello o *Desterrado* de Soares dos Reis, do que a palmatoria do largo de São Roque, — ou porque é mais bella a torre de Belém, do que qualquer gazometro da Companhia do gaz!...

Enquanto esse homem raro e ilustre não surgir no firmamento da politica portuguesa, a Arte portuguesa continuará vivendo à sombra das esmolas dos particulares, sem a minima protecção dos governos que consomem todos os rendimentos do meu paiz em Himalayas de carneiro com batatas e em Mississipes de carrascão e *lombo* *berde*, para terem pelo seu lado o bello do *Suffragio universal*!...

Apesar da má fama que cobre o meu nome nas regiões officiaes onde de século a século se

falla de Arte; attendendo a que nem um só dos « mangas d'alpaca » que governam a Academia de Lisboa se privaria da luxuria de me meter uma bala nos miosos, se entre mim e esses illustres melhores os legisladores não se tivessem lambido de collocar um Código penal; — apesar da má fama de que eu gosto junto da Direcção geral d'instrucção publica do meu paiz, nem por isso resisto à tentação de fazer uma supplica ao Ex.ºº Ministro do Reino, se os acaſs da sorte quizerem que estas linhas velejam a cair sob o olhar magnanimo de sua excellencia.

Eu sei, Ex.ºº Ministro, que os peritos que o Estado costuma consultar em materia d'Arte, lhe vão dizer:

— Em primeiro lugar: que eu sou um grande patife, porque me río de todos elles, não porque os seus narizes sejam ridiculos, mas porque esses figurões não tem absolutamente nada, nem mesmo teias d'aranha, no sitio em que geralmente os outros homens tem ideias.

— Em segundo lugar: que é mais útil para o paiz aumentar os ordenados dos burocratas que possam por artistas e ensinam nas nossas academias, do que auxiliar aquelles que, fugindo à degradante influencia d'essas mesmas academias, procuram elevar-se à altura dos artistas independentes de toda a Europa... Dizemos em paz os bons peritos da boa Direcção geral d'instrucção publica. Que função não seria a nossa existencia se elles deixassem de existir, ou se elles acordassem um dia com alguma ideia! Esses peritos são a nossa alegria e a nossa distração... Elles precisam ser o que são, saber o que sabem, pensar o que pensam, e dizer o que dizem, para firmos um docado...

Imagine V. Ex.º, que esses peritos de bellas-arts passavam a entender alguma coisa d'Arte; passavam finalmente a ser d'alguma utilidade para o paiz!... Seria uma sensaboria, seria um escândalo, — seria uma indignidade! Seria preciso demitir-os, e procurar outros do mesmo quilate. Ora aqui é que a dificuldade começa... Como elles; como elles actualmente são; não ha, não houve, nem torna a haver figues... Nós precisamos quesses perossexistam vivam, e oceontem ou ordemem coisas, — justamente para vermos a que decadencia chegaram entre nós as Academias de Bellas-Arts; e que toda a reforma que ha a fazer ha de consistir em tudo demolido implacavelmente, e tudo fazer de novo... *

A minha supplica, Ex.ºº Ministro do Reino, reduz-se ao seguinte:

— Eu peço ao Estado que adquira para o nosso museu nacional de Bellas-Arts, todas as obras dos artistas portugueses que forem premiadas pelo jury do « *Salon* » de Paris.

Percebe-me que para nós não pode haver jury mais imparcial nem mais competente para ajuizar dos trabalhos dos artistas portugueses, como é o Jury dos artistas franceses. E quero-nos parecer que só haveria aplausos em todo o paiz, da cada vez que o Ministerio do Reino mandasse comprar as obras d'aqueles dos nossos artistas que merecessem de jury frances um distinção, como a que acaba de merecer o sr. Teixeira Lopes.

Comprando as obras premiadas em Paris iniciava-se assim uma *galeria d'honra* de arte portuguesa. Podíamos mostrar aos extrangeiros os trabalhos dos nossos artistas aclamados no primeiro centro artístico do mundo. E este interesse que o Estado começava a tomar pela Arte; e esta *galeria d'honra* do nosso museu, que seria para portugueses tão honrosa como é o museu do Luxemburgo para os franceses; — seriam o mais poderoso estímulo que já malha tem havido para artistas nacionais.

Que mais bem empregado dinheiro, do que na compra do quadro que o jury frances co-

roou; ou na encomenda em marmore ou bronze da estatua que esse mesmo jury houve por bem distinguir!...

Ou eu não sei o que digo, desgraça que tem sucedido muita gente bôa, — ou não me parece mais digno, do que o Estado comprar essas obras que tanto honram o nome portuguez, recompensando d'algum modo os esforços dos nossos criatistas, que representam melhor Portugal no extrangeiro do que certos diplomatas que j'lam que a primeira condição para bem representar a sua terra, não é ter duizas d'ideias... — é ter gravatas brancas ás duizias!...

Dito isto, quicra o Ex.ºº Ministro do Reino perdoar o meu grande atrevimento, e mais as heresias que acima deixo expostas.

MARIANO PINA.



ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

ENGEITADINHA

— De que choras tu, anjinha?
— Tenho fome e tenho frio.
— E só por este caminho,
Como a ave que cahiu
Ainda imptuine do ninho!
A tua mãe já não vive?
— Nunca a vi em minha vida,
Andei sempre assim perdida
E mãe por certo não tive.
— Es mais feliz do que eu,
Que tive mãe a morreu.

JOÃO DE DEUS.

A VIDA

Comparo a vida n'este mundo incerto
A uma limpida taça mysteriosa
Que nas vem collocar dos fabios perto
Alguna branca fada vaporosa.

São as primeiras gattas que bebemos
Tão repletas d'aroma de doçura,
Que nunca mais, saudosos, esquecemos:
Bebida que nos deu tanta ventura.

Pelos dias de nosa juventude
O nectar causa um delicioso esplamo,
Quando nos dâ com a vivaç saude
O immenso amor e o fervido entusiasmo.

Mas pouco a pouco evola-se a ventura;
A taça perde o saboroso mel;
O que era doce torna-se amargura
E para se viver bebe-se fel.

Resta contar um ultimo segredo.
Partir a taça é infallivel sorte.
Quando a partimos, seja tarde ou cedo...
Quando a partimos, apparece a morte.

BERNARDO LUCAS

O NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

No proximo numero da *ILLUSTRAÇÃO*, contamos oferecer aos nossos leitores uma reprodução da estatua

JEUNESSE DE CAIM

TEIXEIRA LOPES
estatua que mereceu uma menção honrosa do jury do « *Salon* », — e o croquis do quadro de SALGADO

o distinto pensionista da Academia de Lisboa, croquis feito pelo auctor expresamente para a nossa *ILLUSTRAÇÃO*.

E continuaremos a serie das nossas gravuras acerca da grande

EXPOSIÇÃO DE PARIS



AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. A SECCÃO COLONIAL.

CONFORME prometemos no passado numero, a *Ilustração* oferece hoje aos nossos leitores uma grande gravura representando toda a esplanada dos Invalidos onde se acha instalada a exposição das colônias francesas, o que constitui pelo seu pitoresco uma das maravilhas da Exposição de Paris.

Só ali se vêem minaretes, zimbombos, torres de estilo grego, cúpulas brancas que sustentam a mesquita oriental, — além da imponente fachada da exposição do ministerio da guerra, precedida d'uma formidável entrada de castelo feudal, interessantíssima amostra de arquitectura militar da idade media, devida ao talento de M. Walvein.

Também na esplanada dos Invalidos se admira um bello pavilhão da exposição de Hygiene, desenhado e construído por M. Girault. O arquitecto Ballu é autor do pavilhão da exposição argentina; e sr. Auvestre, do pavilhão central das colônias francesas.

Os visitantes da esplanada dos Invalidos param com passo diante do templo indiano; e do elegante minarete da Cuba de Sidi-ben-Aruz, que domina todo o conjunto do seu tunisino. Nas construções desta secção, o seu arquitecto Henri S. Ladin soube reunir as mais delicadas amostras da arquitectura oriental. As arcadas da fachada são inspiradas das famosas arcadas de Bardo; o zimbório central é a reprodução exacta de Mikrab da mesquita de Kéruan; e a loggia é mesmo tirada duma caza tunisina... Ha lá dentro sauds ou bazares cobertos; um pátio interior formado de fayães e azulejos coloridos; um café-restaurant, é sombra d'um grande tufo de arvores; uma escola, etc., etc. E tudo isto cheio de riquezas de Tunis, de estofos, de tapetes, de cerâmicas, de obras d'arte... finalmente de todas as surpresas que se queiram phantasiar.

Esta parte da Exposição de Paris é incontestavelmente uma das mais brilhantes, não só pela sua organização, como também e principalmente pelo seu pitoresco. Foi por isso que a *Ilustração* julgou do seu dever fazer o grande sacrifício de reunir n'uma imensa gravura os mais pitorescos aspectos da esplanada dos Invalidos.

Também ali se admira um grande panorama, o *Tout-Paris*, obra do sr. Castellani. Esse panorama, como o seu nome o indica, representa todos os célebres parisienses do nosso tempo — homens politicos, homens de ciencias, homens de lettras, artistas, aristocratas, millionários, illustres militares, illustres marinheiros, etc.

Ainda diri respeito à secção colonial da Exposição de Paris a gravura que hoje orná a primeira pagina da nossa *Ilustração*. Representa os diferentes tipos indígenas vindos das colônias francesas para Paris, para fazerem a guarda das diferentes pavilhões durante o período da Exposição. Destacam-se principalmente os ciprinos de Inhá francesa; os atiradores do Senegal; os atiradores Sikkalor, recrutados entre os indígenas de Madagáscar; os atiradores do Tonkin; os caçadores annamitas, etc.

Quando vemos todos esses miravilhosas organizações da exposição colonial francesa, e vemos o que Portugal costuma mandar ao estrangeiro como amostra das suas riquíssimas colônias, como que manda este anno a Paris, — confange-se-nos o coração ao pensar que poderia ainda nós ser os primeiros em assumptos coloniais, deixarmos todos os países que vieram depois de nós tomarem-nos o passo, deixando-nos no ridículo!...

E de quem é a culpa?... Não será de todos esses sonhos políticos que só pensam em eleições e em intrigas sobre arcadas do Terreiro do Paço, sem se importarem com o que herdámos de nossos avós, e que havemos fatalmente de perder, por falta de dignidade, por falta de patriotismo?...

Ha países na Europa que tem colonias há meia duzia de annos, e das quais expõem innumeras riquezas e curiosidades; em quanto que nós só temos para expôr um povoamento e por vezes ridículo bêb-d-brac; e nada que nos dê uma ideia de produção constante do solo, e dos meios de transporte ate os mercados europeus!...

Somos positivamente, em assumptos de utilidade e interesse nacional, os verdadeiros céticos do occidente! Quando nos poderemos livrar da rotina burocrática, e quando nos poderemos curar d'essa medonha camada de políticos, que nos aviltam e nos inutilizam quotidianamente?...

Agradecemos vivamente a todos os nossos colegas da imprensa portuguesa as palavras de elogio como que temos acolhido os últimos numeros da *Ilustração*.

Prometemos por o público luso-brasileiro o facto de tudo quanto se passasse de mais curioso e de mais pitoresco em Paris durante a Exposição. Assim o prometemos e assim o estamos fazendo.

Queremos que a nossa *Ilustração* seja unica publicação em linguagem portuguesa capaz de dizer ao público dos dois países o que é a Exposição de 1867. Parece-nos que bem procurarmos realizar as nossas ambições.

E não nos pouparamos a esforços nem sacrifícios, porque vemos os nossos numeros elogiados por toda a imprensa, e procuradas com tamanha avidez pelo público, que já fomos obrigados a fazer nova edição dos nrs. 9, 10 e 11 da *Ilustração*.

A imprensa e o público estão do nosso lado, animando-nos. Tudo quanto fixermos é pouco, para lhes provarmos todo a nossa gratidão.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — A VICTÓRIA GERAL DO CAMPO DE MARTE.

O aspecto que hoje apresenta o Campo de Marte já tem sido descrito circunstancialmente em várias antigas das nossas gravuras passadas. É um Paris dentro de Paris, uma pequena Babilónia dentro d'outra Babilónia — eis em resumo o que vem a ser essa grandiosa e monumental Exposição que é o assombro do novo e velho mundo.

No gravura que hoje publicamos na *Ilustração* — vemos dominando o fundo da cena, como braço de ferro gigantesco, essa bela e soberba torre Eiffel — a verdadeiramente o círculo da Exposição.

Um ascenso à primeira ou segunda plataforma da torre é hoje o ideal e o vivo desejo de todos os que fazem ou que tentam fazer uma viagem até Paris. É realmente valer a pena!

O panorama que se desfaz da segunda plataforma — por exemplo — é admirável! Olhamo imediatamente em volta de nós vemos todo o departamento do Sena e mesmo quasi todo o departamento do Sena-e-Oise. E depois é Paris, com a infinitude das suas chaminés, das suas praças arborisadas, das suas cupulas cor d'ouro, além Montmartre, mais além São Dimítrio, mais para direita a verda de Père Lachaise, as alturas de Vincennes, e as dezenas de pitorescos colunas que envolvem esta curta deslo de Saint-Omer ate Montreuil e Saint Cloud. Mas aos nossos pés o espetáculo é ainda mais pitoresco — são as pelourinhos, apesar de todos os roncos verdes dos jardins do Campo de Marte, os torreões doitados dos pavilhões e ao fundo a bela cúpula da entrada principal.

O povo em baixo parece-nos um formiguiço, sobretudo aos domingos, quando a onda dos 200 a 300 mil visitantes invade todo o recinto da Exposição.

O desenho da nossa gravura foi feito do lado dos jardins do Trocadero. No pramero plano vemos a nossa direita o pavilhão das florestas e à nossa esquerda acha-se o pavilhão do ministerio das obras públicas, onde se encontram muitas photographias do Caminho de ferro de Salamanca a Barca d'Alva e outras photographias das obras do Tejo.

Vêem-se também n'esta mesma gravura as interessantes e curiosas passagens e a ponte d'Alma coberta d'um solto de concreto ao fim. E imediatamente principiam a desfilar diante das nossas olhos os pavilhões e galerias do Campo de Marte, desde a História da habitação humana, ate terminar na galeria das Máquinas.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — HISTÓRIA DA HABITAÇÃO HUMANA.

(Continuação do nosso numero passado)

Como deixámos dito, o sr. Carlos Garnier o construtor d'este interessante trecho da actual

Exposição, dividiu o seu trabalho em duas partes: o período prehistórico e o período histórico. No nosso numero passado da *Ilustração* apresentamos os tipos das casas prehistóricas e muitas outras do período histórico.

Vamos continuar com este mesmo período.

Na nossa gravura vemos a habitação dos pelasgios, e seguindo depois a casa etrusca, 1000 annos antes da era christã. Esta habitação acha-se mobiliada com amphoras, vasos, leites e mezes, tudo da época.

A cerca finda tem duas torres d'um feitio muito pitoresco, cheias de ricas enfeites da Índia e sobretudo do valle de Cachemira, d'onde vêm os famosos chales que se usam na Europa.

Temos depois a casa persa que é um modelo das mais antigas construções persas e distingue-se pela sua cúpula d'um azul magnifico. E' habitada por vastos muzicos de Téhéram.

As habitações gregas são também muito interessantes.

Segue-se depois a casa grega do tempo do Pericles onde se vêem mal d'um Hymen, e a casa romana do tempo do imperador Augusto, toda decorada com pinturas pompeianas, segundo os processos antigos.

Acaba esta gravura do tempo de Clóvis — dos primeiros annos da monarquia francesa — é também digna de especial atenção.

Continuaremos no proximo numero da nossa revista com a descrição da ultima parte da tão curiosa e pitoresca história da habitação humana — que é sem dúvida um dos mais bellos monumentos artísticos do Campo de Marte, onde com tudo não faltam para admirar, boses e soberbas cenas...


SOROR NATALIA

NADA mais desejou que restabelecer, mas sua primitiva simplicidade, uma curiosa lenda hispana, antes que NADAS arrebiados e comentários d'algum moderno compilador a possam desfigurar em apontamentos históricos.

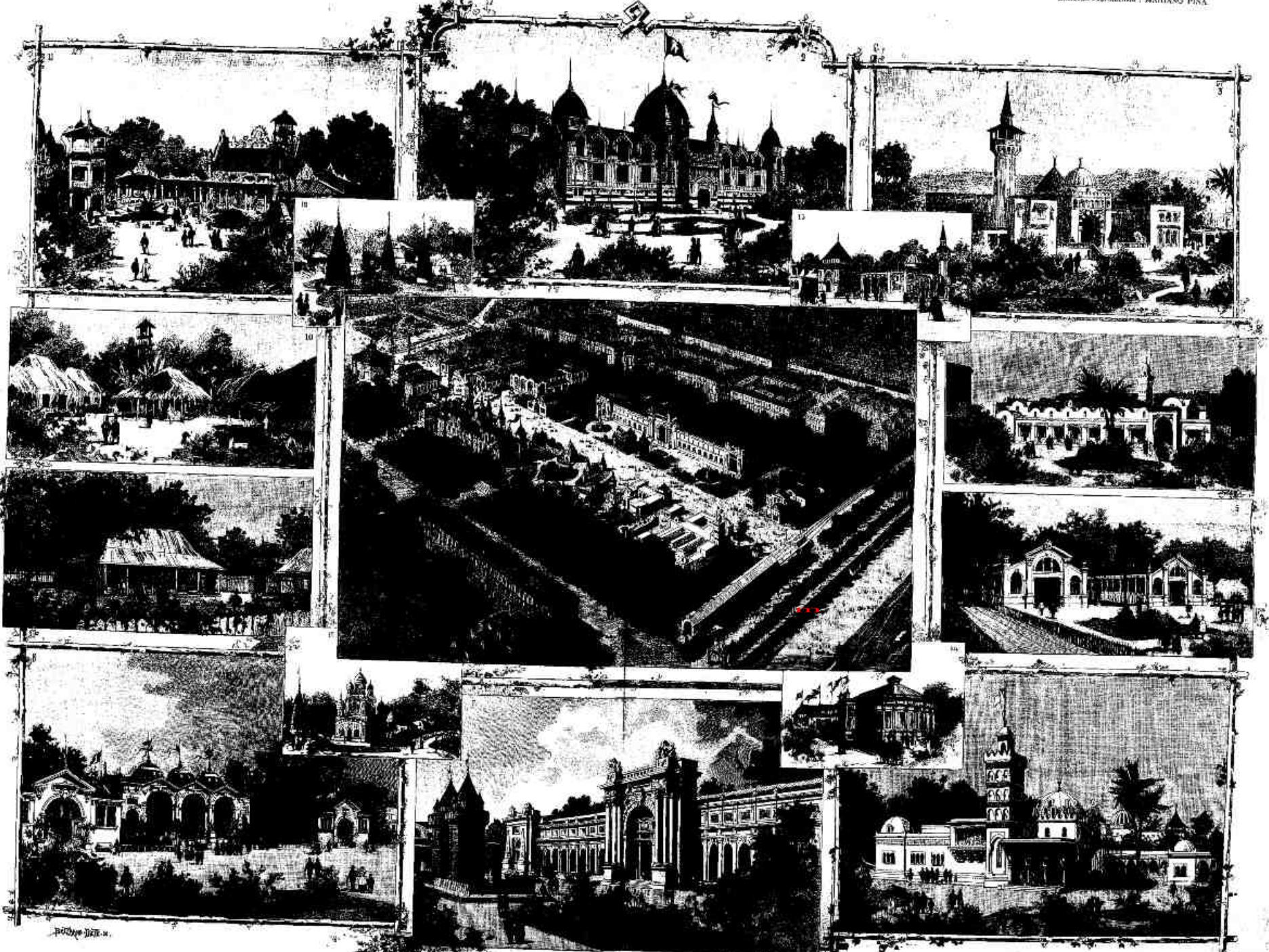
Em tempos que já lá vão, erguia-se à beira de uma estrada tortuosa da Andaluzia, um convento de freiras do ordem terceira de S. Francisco; — esse mosteiro, se bem que estivesse ao pé d'outros que se ajudavam reciprocamente, era sobretudo protegido pela veneração que nesses tempos impunha a presença de qualquer enorme cruz n'um portal onde um sino tocava duas vezes ao dia.

A estrada, e uma extensa capela, cujo portal, sempre aberto, sobrepujava tres degraus, marginava de um lado o muro do convento. Em volta, fértilas campinas, arvores cheirosas, o herbo dos valados, a solidão, o caminho perigoso!..

Nessa capela, à hora d'um desfalcado crepusculo de outono, acha-se ajoelhada uma joven novicia, de uma formosura ingenua e toccante. Estava deante de um nicho, aberto n'um pilar, de onde pendia uma lampada de círio, solitária, alumia n'ido uma Nossa Senhora de olhos baixos, as mãos abertas, gotejantes de grácas radioas — Mãe-Oronte na attitude do « Ecce ancilla ».

Ouvia-se, partindo da estrada, através das janelas envidraçadas, a voz fresca e sonora de um cantor de serenata, que os sons d'um bandolim cordovense acompanhavam. As langonas palavras ardentes do paixão, d'amor, juventude, chegavam ate á egreja, onde soror Natalia, a novicia, ajoelhada, a cabeça pendida sobre os braços encruzados, murmurava aos pés da Madona, n'uma voz afeita:

— « Senhora, bem o védes, choró, supplico-vos, não me retireis a vossa compaixão; é desfalecida e angustiosa — com a vossa imagem sara no mais intimo do meu pesar — que eu vou sair d'aqui. O' casta Rainha, tende piedade d'aquelle que, por um amor brutal, foge



— 1. Vida prof. — 2. Pátria corrupção e estrelas nascentes. — 3. Roubos da Pacham. — 4. O Brasil invicto. — 5. Escreve o primeiro de aplicativos. — 6. Pernambuco é povoado. — 7. Repórter do matutino é prezado. — 8. Ex-jogador é legião. — 9. Meio de Vilafranca é colono australiano na Miss Califórnia. — 10. Cris é filha da Tchêque. — 11. Professora de Costuraria é de férias. — 12. Gás da Cegonha. — 13. Pátria é batalha, luta da arte. — 14. Dançarina da Vila Poco. — 15. Túnel é lento.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS — A SECCAO COLONIAL NA ESPLANADA DOS INVALIDOS □ a... m... s... e... M... M... P... P... P... P...



9. Habitacões dos primitivos. — 10. Casa etrusca (1000 anos antes de Jesus-Christo). — 11. Casa hindu (300 anos antes de Jesus-Christo). — 12. Casa pobre. — 13. Habitação grega e gregaica. — 14. Casa grega do tempo de Pericles. — 15. Casa romana do tempo d'Augusto. — 16. Casa gótico-româna do tempo de Clóvis.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A HISTÓRIA DA HABITAÇÃO HUMANA.

(Continuado do último numero da *A Ilustração* v.)



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — VISTA GERAL DO CAMPO DE MARTE, TOMADA D'UMA TORRE DO PALÁCIO DO TROCADERO.

**PÂTE
ÉPILATOIRE
DUSSER**

AVANT! APRES!

La boite (*Grand Modèle*). pour la lèvre, le menton et les joues. 20^f
La demi-boite (*Petit Modèle*) spéciale pour une légère moustache. 10^f

**PILIVORE, DÉPILATOIRE SPÉCIAL
POUR LES BRAS**
DUSSER, INVENTEUR, 1, Rue Jean-Jacques Rousseau, PARIS.

Depósito nas principais perfumarias de Portugal e Brasil.

NOTA. — Os preços indicados não são de Paris, — para o estrangeiro acresce o porte do correio e direitos n'alfandega.

GUERLAIN de PARIS
16, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Aqua de Colonia Imperial. — Saponeith, sabonete da barba. — Creme acobrino (*Ambrosial Cream*) para a barba. — Creme de *Hercules* para a barba. — Pó de *Argila* para branquear a cutis. — *Stibnite* cristalizado, para o cabelo e barba. — Água *Athénienne* e *Agua de Paris*. — *Lotion* para perfumar a barba. — *Maria Christina*, — *Pau Rosa*, — Ramillete do *Cistre*, — *Melatônio branco*, — *Exfoliante de Paris*, — *Imperial Busto*, — *Imperial do Brasil*, para o terno. — Água de *Colonia Imperial* *Musa*, — Água de *Cidra* e água de *Chípore* para o tonador. — *Alcoolato de Cachimbaria*, para a boca.

Casa De VERTUS Seurs
ESPARTILHOS
PARIS 12, Rue Auber

VINHO DE MILLET
Chalybê Balsamico
Tónico superior d'uma efficiencia certa
na Anemia, Clorose, Prostração, Impotencia, Favos, Bronquite chronica, Doenças mentais e nervosas.
PRECO 3 FRANCOS. O FRASCO
Renomea-se o estrangeiro 2fr. por 7fr.
Distribuidor:
41, Rue das Frances-Bourgois, Paris

VERDADEIROS CRACOS
DE SAÚDE DO DR. FRANCK
Aquecidos, Estomachicos, Parafusados,
Cascas de Amendoim, etc.
Grãos de Semente de Amendoim, etc.
Grãos de Amendoim, etc.
Vertigens, Convulsões, etc.
Dores articulares, etc.
Dores de dentes, etc.
Elixir no CAVIARINAS AZULES com
o azule em 4 cores e o Seltz da
União nos FABRICATIONS.
Particularmente forte e principiante.

T. JONES
23, Boulevard des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Perfumaria Inglesa
EXTRA-FINA
Extractos compostos
IMPERIAL BUSTE
ESS. BOUQUET
VICTORIA
CAPRIC
CHYPRE
RUBET
PARANIS
W. Bistrup
etc.

T. JONES
23, Boulevard des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Perfumaria Inglesa
EXTRA-FINA
Extractos compostos
RECOLHIMENTOS DE
T. JONES
Fluide Iatíf
La Juvenile
Lily Wash
Lily Cream
Agua de Toilette Jones
Tônica e Refrigerante.
Elixir e Pasta Samohti
Dentífrico, antiseptico, branqueia os dentes, impede a carie e o tártaro.

T. JONES
23, Boulevard des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Perfumaria Inglesa
EXTRA-FINA
Extractos compostos
RECOLHIMENTOS DE
T. JONES
Fluide Iatíf
La Juvenile
Lily Wash
Lily Cream
Agua de Toilette Jones
Tônica e Refrigerante.
Elixir e Pasta Samohti
Dentífrico, antiseptico, branqueia os dentes, impede a carie e o tártaro.

PARIS
BELLEZA DO ROSTO
LACT ANTIFELIQUE
O LEITE ANTEFELICO
puro ou misturado com água, dispensa
HARDAS, TEE CRESTADA
PINTAS-RUBRAS, BORBULHAS
ROSTO SARABULHENTO
E FARINACEO
RUBAS
&
CANDIAS & C.
Venda e conserva a cutis lisa e clara.
Dr. St. Dauk. &c.

PARIS
rue Drouot
Karope (Colágeno) Zed
Gouache, Bronchites, Tosses dos Tisicos, Insomnias, etc.

ASTHMA E CATARRO
Curados COM OS CIGARROS ESPIC
Em França 2fr. e CAIXA
Operações, Tosses, Convulsões, Neuralgias
etc. Venda no Fábricado de Fecamp e do Brasil — PARIS, Venda por grosso,
J. ESPIC, Rue St-Lazare, 30. Enviar este anúncio para a sua Gôrro.